

Sistemas alternativos de produção: agricultura urbana, PANC e orgânicos

Texto: Debora Ramacho Domingues , graduanda em Nutrição - FSP/USP

Revisão: Alisson Diego Machado, doutorando em Nefrologia - FMUSP

A Profa. Dra. Thais Mauad, associada ao Departamento de Patologia da USP, coordenadora do Grupo de Estudos em Agricultura Urbana (GEAU) do Instituto de Estudos Avançados da USP e fundadora da Horta da FMUSP, participou do nosso segundo encontro do Ciclo de Palestras falando sobre sistemas alternativos de produção, como agricultura urbana, plantas alimentícias não convencionais (PANC) e orgânicos.

Atualmente a Profa. Thais possui uma pesquisa com o tema “Áreas verdes e saúde humana: impacto das áreas verdes na saúde da população da região metropolitana de São Paulo.”

Considerando sua vasta pesquisa e conhecimento em saúde relacionada aos aspectos ambientais, foi possível compreender a importância dos sistemas alternativos de produção de alimentos não apenas para a saúde alimentar, mas também para a saúde global, uma vez que o contato com áreas verdes promovido por esses sistemas enriquece a relação com o meio urbano, favorece o estabelecimento de relações sociais e é bom para o meio ambiente e para a saúde pública.

De acordo com o projeto do GEAU coordenado pela professora, a Agricultura Urbana é aquela localizada na cidade (intraurbana) ou em sua franja (peri-

urbana) e "estabelece novos paradigmas produtivos em um mundo cada vez mais urbanizado e onde a carência de alimentos e de água, as contaminações, os processos erosivos e a escassez energética são temas recorrentes. Os incentivos à permacultura urbana, por exemplo, é um mecanismo viável de produção perene de alimentos que supriria as necessidades básicas dos centros urbanos, de povoados ou de comunidades menores", o que representa um enorme benefício para a sustentabilidade e para a acessibilidade.

Há dois modelos de Agricultura Urbana que ocorrem no município de São Paulo. Um deles acontece nas regiões sul e leste, por produtores rurais, e o outro deriva do ativismo urbano, resultando em hortas comunitárias. Para a professora, a Agricultura Urbana confere autonomia ao indivíduo, na medida em que ele escolhe o que plantar sem depender necessariamente do que é ofertado nos mercados e feiras convencionais, que pode ser muito monótono, além de



Horta Comunitária da Faculdade de Medicina da USP

priorizar alimentos nativos, ao contrário do que faz a agricultura convencional, que retira a flora local para plantar alimentos que não estão adaptados, em função da lógica comercial.

As Hortas Urbanas têm relação com o ativismo, pois surgem com a intenção de repensar a produção de alimentos na cidade e ocupar espaços públicos. Sobre a prática, ainda que os benefícios para a saúde sejam notavelmente maiores, a professora alerta para a possibilidade de contaminação dos alimentos produzidos, principalmente por metais pesados derivados da emissão veicular, de indústrias e de deposição de resíduos da construção civil: “Alguns trabalhos recomendam a cobertura vegetal do solo com mulch* para evitar o contato com a planta. Deve-se sempre que possível manter uma boa distância dessa horta em relação ao tráfego de carros, além de fazer uma barreira vertical, que pode ser uma barreira verde. Outra recomendação é plantar em leitos acima do solo, para evitar o perigo da contaminação.”



Foto: Reprodução facebook Horta na FSP

Exemplo de casinha de polinizadores instalado na Horta - FSP. Atrai insetos que podem beneficiar a horta com a sua polinização.

Seguindo essas recomendações é possível mitigar os efeitos nocivos e usufruir dos benefícios à saúde alimentar, estimular a agrobiodiversidade e atrair a fauna para esses espaços, como insetos (abelhas, borboletas) e pássaros. Além disso, a produção de orgânicos está intimamente ligada à Agricultura Urbana. “Há uma portaria da ANVISA que proíbe fazer capinagem química no município de São Paulo, sendo assim, toda Agricultura Urbana deve ser orgânica”, relembra a professora Thaís Mauad. Não faria sentido todo o cuidado com a contaminação dos alimentos pelo ar nas Hortas Urbanas se estivéssemos expostos à contaminação muito mais extensiva como a dos agrotóxicos. Por isso, o fomento à Agricultura Urbana e Periurbana (AUP) é também um movimento de busca por saúde, além da sustentabilidade.

Nesse contexto, as PANC, definidas resumidamente pela professora como “aquelas plantas que não encontramos no mercado para vender” e que segundo projeto do GEAU “refere-se a toda e qualquer planta que seja comestível ou possua partes comestíveis ou com fins alimentares”, Mauad acredita que elas poderiam ser introduzidas para melhorar a nossa dieta, por terem um valor nutricional bastante importante. Além disso, as PANC satisfazem a um apelo social, do ponto de vista do acesso à alimentação, uma vez que temos na nossa flora uma grande oferta delas, que crescem às vezes de forma espontânea e são de fácil cultivo, por serem plantas nativas que se enquadram à nossa biodiversidade. “É uma descoberta genial você poder aproveitar o que está crescendo ao seu redor.”

*mulch - cobertura vegetal feita com folhas secas, serragem, palha e outros.

A professora aproveita e faz um convite à todos que não conhecem as PANC para a feira que acontece trimestralmente na FMUSP, a “HortPANC”, onde é possível provar e, se desejar, comprar preparações feitas com as PANC que são colhidas da própria Horta da FMUSP, além de poder adquirir produtos orgânicos diversos comercializados por Agricultores Urbanos que são convidados a expor no local.



Foto: Daniela Hidemi Oyafuso.

Barraca da Horta da FMUSP na HortPANC

Hoje em dia é muito comum compreender o termo saúde por uma perspectiva holística, ou seja, que considera todos os aspectos da saúde física, mental, social, ambiental, etc. Por isso, é interessante a contribuição dos estudos de Mauad que relacionam a presença de áreas verdes em meios urbanos aos vários aspectos da saúde, tema que vem ganhando relevância na literatura científica. Ela conta que um estudo publicado na “The Lancet”, revista científica conceituada da área médica, demonstrou que pessoas que moram em áreas residenciais verdes, com presença de natureza, têm menor risco de desenvolver doenças mentais como depressão e ansiedade. Seu benefício para a saúde mental ainda está no estímulo de uma rede de

coesão social, além do efeito restaurativo provocado pelo apaziguamento visual, motivam a prática de atividade física e mitigam a poluição, já que as árvores são os grandes filtros da poluição da cidade. “Se não trouxermos a natureza para dentro da cidade, a cidade irá colapsar, estamos vivendo um pré-colapso em São Paulo, de escassez de recursos hídricos, poluição atmosférica e má qualidade do solo”, alerta a entrevistada. Trazer à luz esdes novos, nem tão novos, conceitos e alternativas para a nossa alimentação e convívio com o espaço urbano representa uma iniciativa de sustentabilidade, saúde planetária e saúde integral do indivíduo.

“Se não trouxermos a natureza para dentro da cidade, a cidade irá colapsar, estamos vivendo um pré-colapso em São Paulo, de escassez de recursos hídricos, poluição atmosférica e má qualidade do solo”

Thais Mauad possui graduação em Medicina pela USP e doutorado em Patologia pela mesma Universidade. É professora associada do Departamento de Patologia da USP, coordenadora do Grupo de Estudos em Agricultura Urbana (GEAU) do Instituto de Estudos Avançados da USP.



Foto: Thais Mauad.